



GT 73. Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos

Coordenador(es):

Renata de Castro Menezes (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rodrigo Toniol (Unicamp)

O objetivo desse GT é dar continuidade às discussões desenvolvidas na última RBA, a partir da constatação de que nas últimas décadas, há um crescimento do interesse e uma diversificação de abordagens teórico-metodológicas sobre materialidades, objetos e coisas que para alguns configuraria quase um subcampo disciplinar, com debates próprios, eventos específicos e publicações regulares a ele dedicadas. O propósito deste GT é reunir trabalhos dedicados às variadas formas de articulação entre religião e materialidades. Trata-se de dar centralidade às formas materiais de produção da experiência religiosa, apostando, com isso, na possibilidade de que novos horizontes empíricos e desafios teóricos sejam explorados. Entre outras questões possíveis, destacamos três que poderão orientar as reflexões dos trabalhos reunidos pelo GT. Primeiro, como a religião acontece na cultura material? Trata-se de enfatizar como imagens, objetos litúrgicos e devocionais, arquitetura e espaços sagrados mobilizam e são mobilizados em práticas religiosas. Segundo, como alguns objetos ocupam um lugar ambíguo — e controverso — na relação com a religião? Estátuas, obras de arte e templos históricos são apenas alguns exemplos daquilo que pode ocupar o centro dessa modalidade de relação entre materialidade e religião. Terceiro, como as variadas conformações de vínculo entre religião e materialidade também implicam em “formas sensoriais” diferenciadas da experiência com o sagrado?

Objetos, Museus e Memórias: as diferentes possibilidades de abordagem sobre acervos de objetos sagrados de matriz africana

Autoria: Juliana Cintia Lima e Silva (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Esta proposta se volta a uma reflexão acerca das estratégias de pesquisa sobre coleções de objetos sagrados das religiões de matriz africana que se encontram em coleções de museus no Brasil. Partindo da análise da experiência da pesquisadora Marta Heloísa Leuba Salum (Lisy Salum) com o acervo da Coleção Africana no Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo (MAE), pretendo ressaltar possíveis percursos metodológicos que levem ao desenvolvimento de estratégias de pesquisa dentro deste recorte. As contribuições de Lisy Salum servem como ancoragem para questões relativas a pesquisa sobre os objetos sagrados, sua produção acerca da Coleção Africana do MAE acompanha um percurso de anos de debate sobre a presença destes objetos em Museus e as abordagens que foram se fortalecendo ou sendo descartadas em torno deles. Por outro lado, meus interesses se voltam a uma reflexão acerca dos desafios para construir uma abordagem sobre estes objetos e as complexidades nos quais eles estão imersos partindo de algumas questões iniciais: Como trabalhar nas entrelinhas, nos silêncios, a partir de arquivos, ou, até mesmo, considerando os objetos enquanto arquivos e/ou agentes produtores de memórias? Como pensar as relações entre as pessoas e as coisas e compreender as conexões implicadas na biografia de objetos como os que estão em instituições museais? Estas questões emergem a partir das reflexões sobre a produção de Lisy Salum e se conectam com as de outros autores como, por exemplo, Gonçalves (2007, p. 15) que destaca a importância de acompanharmos os deslocamentos dos objetos a partir dos diferentes contextos nos quais eles transitam. Além disso, considero relevante pensar outros aspectos relacionados com objetos sagrados em museus como, por exemplo: os processos de artificialização, estetização e recontextualização que eles passam ao serem incorporados em coleções e inseridos em exposições museais (STOCKING JR., 1985); as questões acerca das



formas de classificação e colecionamento; as representações coletivas e narrativas construídas em torno deles e, os desafios metodológicos impostos as/os antropólogas/os para abordarem os objetos em si. Estas vicissitudes interferem diretamente nas possibilidades de pesquisa acerca destes objetos e nas relações que a/o antropóloga/o poderá desenvolver com e através deles. Se não pensamos acerca das emoções que eles podem provocar, nas ações eles mobilizam, nas memórias que acionam ou ajudam a construir continuaremos enfrentando dificuldades para desenvolver capacidades metodológicas que nos auxiliem numa aproximação dos objetos em si mesmos. Deste modo, esta comunicação se volta essencialmente a propor a reflexão sobre nossa capacidade para lidar com os objetos em si considerando suas múltiplas possibilidades de engajamento e ação.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: